E SEU NOME É JONAS

O filme “e seu nome é Jonas” retrata a vida de uma criança surda no início dos anos 1980, nos Estados Unidos da América. Nascido em uma família de imigrantes italianos quase nada familiarizada com a cultura surda, Jonas é primeiro tido como deficiente intelectual por seus pais, em razão de um diagnóstico médico errado e por não conseguir com eles se comunicar e muito menos entendê-los. Após tentativas frustradas de ensiná-lo através da oralização, sua mãe, que nunca desistiu dele, faz amizade com pessoas surdas, que o introduzem à Língua de Sinais.

O filme começa em uma clínica para crianças especiais, com elas dormindo. Jonas é acordado e começa a correr em volta das camas; as funcionárias do estabelecimento tentam fazê-lo parar, mas ele não as escuta. É narrado que ele está há três anos e quatro meses no local, mas ninguém sabe de fato qual o seu problema. O médico da família o havia diagnosticado com retardo mental e por isso estava na clínica.

Seus pais chegam ao local munidos de um mandado judicial que os autoriza a retirá-lo do hospital, pois descobriram a razão dele não estabelecer comunicação com as pessoas: é surdo. Retiram o garoto dali e o levam para casa, onde toda a família aguarda para recebê-lo com uma festa de boas-vindas. O pai tem de explicar aos seus que o filho é portador de surdez e em razão disto não sabe nenhuma palavra.

Ainda na festa, sua tia levanta um questionamento filosófico interessante: “*se ele não conhece as palavras, como consegue pensar*”? Isso claramente foi uma alusão do filme ao filósofo grego Aristóteles, que dizia que por não terem audição, as pessoas surdas são incapazes de pensar, formulação que dominou a filosofia ocidental por muitos séculos.

Após, levam-no a outra médica, que lhe impõe um aparelho auditivo. No dia a dia com sua família, o garoto faz muita birra e estressa seus genitores, principalmente seu pai, que não o compreende e não consegue acalmá-lo. É explicado que ele não lê os lábios por não conhecer as palavras. Há momentos do filme com enfoque no boneco homem-aranha de seu irmão mais novo, Anthony; é mostrado que Jonas não gosta do boneco, tenta escondê-lo e por fim acaba por queimá-lo no forno. Talvez seu incômodo seja com o fato do personagem dos quadrinhos não ter orelhas.

Os pais levam Jonas para uma escola contrária ao uso da Língua de Sinais e adepta do oralismo. É mostrado no filme que os amigos do Pai de Jonas são preconceituosos com o menino e não gostam de conviver com ele. Isso faz o genitor começar a desenvolver vergonha de seu próprio filho e a considerá-lo como retardado.

Há o momento do cachorro-quente. Jonas tenta usar sinais para levar sua mãe ao vendedor, mas ela não consegue compreendê-lo. A genitora começa a acreditar que Jonas a odeia. Tentam colocá-lo para andar de bicicleta e é quase atropelado. Os vizinhos todos brigam com os pais, pois consideram Jonas retardado. O pai, frustrado e envergonhado, sai de casa, mas continua ajudando financeiramente.

A mãe vê pela primeira vez uma família inteira empregando a Língua de Sinais na comunicação. Vai à biblioteca com outra amiga e descobre livros tanto a favor da oralização, quanto a favor da Língua de Sinais. A genitora começa a se sentir culpada e a chorar por Jonas não estar se desenvolvendo e por só falar “a”. O avô de Jonas morre, mas o garoto não entende o ocorrido e tenta, sozinho, se encontrar de novo com o falecido na feira, seu antigo local de trabalho. Um policial o encontra e o leva a um hospital, onde é amarrado, pois gritava sem parar. Sua mãe chega e fica chateada com a situação.

Outrossim, a genitora se depara com a mesma família de surdos fazendo uso da língua de sinais. Eles a levam para um clube só de surdos, com uma intérprete. Lá tocava música e todos os surdos falavam em língua de sinais. Ensinam à mãe de Jonas alguns sinais. Um dos membros do clube se aproxima e explica para a genitora que a língua de sinais é a melhor para os surdos e que isto é fato incontroverso para eles.

Por fim: a mãe de Jonas o tira da escola com método oralista e os amigos surdos da mãe começam a ensinar-lhe a língua de sinais, inclusive a como pedir cachorro-quente, o que o deixa extremamente feliz. Encontram uma tartaruga morta, explicam-lhe a situação do animal, ao que ele finalmente compreende o que se passou com seu avô. Ele vai para a feira com a mãe levar a tartaruga para sua avó e aproveita para ensinar a ela a expressar ‘morto’ em língua de sinais. Termina o filme com ele indo para uma escola especializada só para surdos, onde as crianças são ensinadas por meio de sinais e só se comunicam assim.

De início, eu confesso que não estava muito a fim de assistir o filme e nem esperava muito dele. Porém, quando terminei estava quase chorando, pois realmente é um filme muito belo de se ver e espero conseguir reunir minha família para que possamos todos assisti-lo juntos. Além de lindo, o filme me trouxe um sentimento de esperança no final, ao saber que Jonas poderá finalmente se socializar com as pessoas, constituir amigos, família e estudar. Esta resenha foi gostosa de fazer, pois fui anotando as partes principais do filme e com elas estruturei o presente texto.

Quanto à minha formação humana e profissional, me deu vontade de aprender Libras com o fito de, principalmente, ser mais um canal facilitador para os surdos acessarem o poder judiciário e com certeza contratarei intérpretes de Libras para o meu escritório de advocacia. Em relação à cultura surda, graças às novas legislações e a aceitação da Libras como língua materna dos surdos, espero que no futuro tenhamos mais surdos ocupando postos e trabalhos importantes em nossa sociedade; mais surdos produzindo ciência, conhecimento e também espero que os ouvintes se interessem pela língua de sinais.

Medium 06/11/2023
https://medium.com/@wagdeimosalmeida/e-seu-nome-%C3%A9-jonas-resenha-23172af8e315

jornal tribuna 16/11/2023
https://jornaltribuna.com.br/2023/11/e-seu-nome-e-jonas-resenha-de-filme/

substack 24/06/2025
https://substack.com/@ateucritico/p-166752668

CRÔNICA: VIVEMOS EM UMA SIMULAÇÃO? 2 CARROS E A MÚSICA DO MC LON

OBS 1: *Todas as informações deste texto serão prestadas com base na minha vivência e em achismos, pois não fui atrás de dados e estatísticas, se é que eles existem para esse caso particular.*

Boa parte dos nascidos a partir de 1995 já ouviu pelo menos uma vez a música “Novinha Vem Que Tem” do MC Lon. Ela foi publicada na plataforma youtube em 29 de agosto de 2012, portanto há exatos **13 anos, 4 meses e 5 dias**, segundo a calculadora do meu PC.

Além do mais, o número de visualizações é 72.556.250 (72 milhões e 500 mil, mais ou menos). É uma quantia grande, se formos considerar que se trata de uma composição brasileira, mais especificamente um funk, de mais de 10 anos. Isso pois, naquela época, o youtube ainda era pouco usado pelos brasileiros, sobretudo porque boa parcela da população ainda não tinha acesso à internet.

Segundo o Gemini (consultando o site UOL):

> Em 2012, **cerca de *42% dos brasileiros*** (83 milhões de pessoas) acessaram a internet, segundo dados da PNAD/IBGE, com destaque para o crescimento no Norte e Nordeste, e 40,3% dos domicílios com computador e conexão. Embora 42,21% fosse o percentual de internautas na população total, o acesso domiciliar era de 40,3% (https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2013/09/27/42-dos-brasileiros-acessaram-a-internet-em-2012-n-e-ne-tem-maior-aumento.htm)

Como podem ver, no ano de lançamento da música em questão, quase 60% dos brasileiros ainda não tinham acesso à internet. O que isso quer dizer? Significa que a esmagadora maioria das composições de mesmo gênero lançadas naquele período não possui um montante alto de visualizações. Isso em comparação com as mais atuais, sertanejas, por exemplo, de Anitta a Marília Mendonça, de Zé Neto e Cristiano a Henrique e Juliano, cujas visualizações ultrapassam os 500 milhões.

Pode-se citar as mais famosas do canal Kondzilla também. “Bum Bum Tam Tam, de 8 anos atrás, tem quase 2 bilhões de *views.* “Olha a Explosão”, de Kevinho, de 9 anos atrás, tem 1,2 bilhões. “Bumbum Granada”, de 9 anos, tem 738 milhões.

Hoje em dia, a quase totalidade dos funks da época de “Novinha Vem Que Tem” se encontra esquecida pela população. Raramente são escutados. A título de exemplo, temos Mc Nego Blue, com sua canção “É o Fluxo”, de 13 anos atrás, com 26 milhões de visualizações. Ou Mc Britney, com “Seu Nome É Recalcada”, de 12

anos atrás, que conquistou 23 milhões de *views*. Mas o “grosso” das composições rendeu bem menos. Para não ser injusto, listarei as que fizeram maior sucesso (se houver outras, favor incluir nos comentários):

- “Plaque de 100”, MC Guimê, 13 anos atrás, 91 milhões (a mais bem-sucedida);
- A música objeto deste texto; e
- “Fala Mal de Mim”, MC Beyoncé (Ludmilla), 13 anos atrás, 40 milhões.

O leitor deve estar se perguntando: “o que tudo isso tem a ver com uma simulação?”. A bem da verdade, a essa altura do texto, não sei mais se concordo com meu diagnóstico inicial, haja vista nossa música analisada ser o 2º funk mais famoso de 2012, pela métrica do youtube. Só que eu digitei tudo isso até aqui e não quero me desfazer desta pequena pesquisa, que me gerou um novo escrito.

A tese inicial era a seguinte. Hoje, lá pelas 14h00, passou, em frente à minha casa, um carro tocando “Novinha Vem Que Tem” bem alto. Achei interessante e pouco provável, afinal, eu, como funkeiro, ***sou uma das poucas pessoas*** que ainda escutam tal obra de vez em quando. Possíveis agentes simuladores saberiam desta informação. 1h30 depois, lá pelas 15h30, passou outro carro (talvez seja outro, não vi, apenas escutei) em frente tocando a mesma canção. Talvez sejam 2 carros diferentes. Talvez seja o mesmo carro.

Se forem 2 carros diferentes, então teríamos um evento extremamente improvável de ocorrer, não concordam? Afinal, seriam 2 conterrâneos meus, escutando uma música que quase ninguém mais escuta (sou uma das exceções, como dito, ainda que com pouca frequência), e eles passaram em frente à minha casa no momento em que a escutavam. Se eu fosse transformar isso em probabilidade, diria que é um evento com 0,01% de chance de ocorrer.

Mas, e se for o mesmo carro? E se for um vizinho meu? Bem, então teríamos um cenário mais possível de se concretizar, claro, algo em torno de 15% de probabilidade. Ele poderia estar escutando essa música quando saiu de casa e passou exatamente defronte ao meu lar (aqui estou tentando variar o vocabulário, como se estivesse na prova do ENEM), e depois, na volta, começou a escutá-la novamente perto do meu imóvel. Ok, pode ser isso.Quem nunca escutou a mesma música 2, 3 ou 4 vezes em um passeio que atire a primeira pedra.

Seja como for, percebo agora que minha mente havia se fixado na hipótese dos dois carros. E com isso, a ideia de simulação surgiu. E se, na verdade, eu for um cérebro em uma cuba? Aposto que vocês já ouviram falar desse experimento mental. Trata-se da ideia de que nós (ou uma parte de nós) seríamos cérebros flutuando em uma cuba, com vários cabos nos conectando a um supercomputador. Talvez só 10% das pessoas que conhecemos sejam de fato cérebros, e o resto seja NPC. Ou, talvez, apenas eu seja um cérebro real e todos vocês que me leem NPCs gerados pela simulação. Pior: quem sabe eu mesmo seja um NPC vivendo em um mundo criado para cérebros reais?

A pergunta que fica é: quem estaria rodando esta realidade? Alienígenas do futuro que querem entender nossa extinta civilização? Ou humanos do futuro querendo replicar o passado? Talvez eu seja parte de um jogo, um video game ou RPG. E se eu acordasse dessa simulação e me deparasse com um mundo melhor, com um futuro super tecnológico onde todos tenham direitos básicos garantidos? Mas o mundo verdadeiro pode ser pior também, como no filme Matrix.

Por via das dúvidas, decidi que, seja simulado ou não, este mundo é o único que conheço e gosto. É nele que tenho minha família. É nele que dou carinho e amor aos meus pets. Então, mesmo que tudo seja uma mentira, eu gosto dela. E continuarei amando e tratando bem os seres dessa nossa realidade.

Por fim, como ficou claro ao longo do desenvolvimento, essa tese de simulação talvez não passe de um delírio meu. Às vezes meu vizinho quis escutar a música em questão várias vezes. Ou, quem sabe, foram duas pessoas distintas escutando o segundo funk mais popular de 2012. Minha pequena pesquisa, a despeito de eu ter dito que não procuraria dados e informações, aos poucos foi me acalmando e desconstruindo tal crença, até o ponto de eu estar mais uma vez com os pés no chão, ancorado ao mundo real.

substack 03/01/2026
https://substack.com/@ateucritico/p-183388900

medium 04/01/2026
https://medium.com/@wagdeimosalmeida/vivemos-em-uma-simula%C3%A7%C3%A3o-mc-lon-e-a-m%C3%BAsica-novinha-vem-que-tem-201ddffb17d0

Jornal Tribuna 05/01/2026
https://jornaltribuna.com.br/2026/01/vivemos-em-uma-simulacao-2-carros-e-a-musica-do-mc-lon/

A HUMANIDADE DEVERIA SER EXTINTA

Começo o post dizendo que o filósofo com o qual eu mais me identifico é o David Benatar. Para quem não conhece suas obras, recomendo a leitura. Dito isso, o ser humano é uma espécie egoísta, má, perversa. Não nos importamos com o semelhante, quem dirá com a natureza, com os animais, enfim, com as outras espécies.

Tudo para nós é motivo de divisão. Se o outro for trans ou homossexual será inferiorizado, mal tratado, ridicularizado, morto, torturado. O mesmo vale se o outro tiver uma religião diferente da minha, se for negro ou de outra cor, se tiver uma posição política diferente da minha. Não queremos reconhecer os direitos de outros seres humanos, quanto menos reconhecer o direito de outras espécies, dos animais.

Nos vemos como o centro do universo, como o ápice da evolução, como a mais importante obra do criador, como a medida de todas as coisas. Isso não passa de egoísmo, egocentrismo e vaidade. Só vamos entender o valor dos animais, das outras espécies e tipos de seres vivos quando uma raça alienígena superior invadir o planeta, nos escravizar e passar a nos tratar como tratamos os animais. Quando os ETs começarem a comer humanos, nos produzir em larga escala, beber o leite das mulheres, nos usar para trabalho escravo, enfim, não reconhecer nenhum direito a nós por nos verem como seres inferiores, insignificantes e com pouca ou nenhuma inteligência, aí sim, talvez, começaremos a valorizar os animais.

Somos um vírus que destrói o meio ambiente, que cria desertos em áreas outrora verdes, que suga todos os recursos naturais e não deixa nada para as outras espécies. Somos os responsáveis pela extinção em massa de milhões de espécies. Se continuarmos existindo, o planeta não mais terá vida. Destruiremos o planeta, o meio ambiente e todas as outras milhões de espécies. Então, para mim, o melhor para o planeta, para o meio ambiente, para as outras espécies e para os animais é a extinção da humanidade, que nada de bom produz.

reddit 02/11/2024
https://www.reddit.com/r/FilosofiaBAR/comments/1ghotf6/a_humanidade_deveria_ser_extinta/

I FIND BACH SO BORING

I don't know much about music, but as a listener, I find his music overly intellectualized, rigid, monotonous, and artificial. Other composers like Lully, Schütz, Praetorius, the Gabrielis, and Monteverdi sound much more genuine, spontaneous, and flexible in their music. Even Handel is a thousand times better than Bach—his music is dynamic, exciting, entertaining, and at times profound. And Handel can be anything but artificial. His music is also not as intellectualized and abstract as Bach's—you can *feel* Handel's music. Take, for example, *Messiah* and *Israel in Egypt*, both by Handel. They are far superior to Bach's *St. Matthew Passion*. The only good thing about Bach's Passion is the chorales, because the arias, recitatives, and solo compositions in general are extremely boring and monotonous. Anyway, that's my opinion. In fact, I even prefer Lully's operas over Bach's oratorios.

reddit 11/02/2025
https://www.reddit.com/r/classicalmusic/comments/1inc1m7/i_find_bach_so_boring/

EU DEFENDO O ANTINATALISMO. POR QUE?

A Razão Chocante Pela Qual Defendo o Fim da Humanidade

O antinatalismo é uma filosofia cujo maior expoente na atualidade é o sul-africano David Benatar. Com base em suas ideias, eu concluí o seguinte: as pessoas deveriam parar de fazer filhos e a humanidade deveria optar pela extinção voluntária. Aborto, eutanásia e outros métodos deveriam ser 100% descriminalizados. Isso tudo em prol do meio ambiente, da natureza e dos animais.

Eu defendo a extinção voluntária da humanidade, por entender que somos uma espécie "sem salvação". Mas como assim? Acredito que quanto maior a racionalidade de um ser, maior será o bem ou o mal que ele pode causar.

Assim, por exemplo, um gatinho não tem a capacidade de causar grandes males, no máximo, por exemplo, derrubar um vaso de vidro e quebrá-lo. Já o ser humano é capaz de grandes males, como os deputados que desviam bilhões em verbas destinadas à saúde ou educação, ou os alemães nazistas que exterminaram judeus, ou, contemporaneamente, como os israelenses que cometem genocídio contra os palestinos.

Apesar de seres humanos serem capazes de produzir também benefícios muito grandes, como uma Madre Teresa de Calcutá alimentando milhares de pessoas, ou um padre Julio Lancellotti fazendo a mesma coisa, ou alguém que decida abrir um abrigo para cuidar de animais, ainda assim isso não é o padrão do ser humano médio, na verdade, isso é a exceção. Então, o mais comum é termos mais males do que bens produzidos pela humanidade, e isso em todas as épocas e sociedades.

Historicamente também a humanidade sempre foi carnívora, ou seja, sempre matou animais para fins de alimentação e produção de roupas e outros utensílios. E houve muitos exageros também, como a extinção de inúmeros animais devido à caça predatória ou mesmo ""esportiva"", quer dizer, humanos matando animais para se divertir. Um exemplo disso são o Mamute e o Dente-de-Sabre. Inclusive, vi esses dias uma animação que ilustrava essa questão. Um grupo de humanos

encurralando dezenas de mamutes na ponta de um penhasco, fazendo os bichos despencarem e morrerem. Veja, um só mamute seria suficiente para satisfazer a fome do grupo, mas eles mataram essa quantidade absurda deles por pura diversão e “prazer” (ou seja, humanos causando grandes males).

E também, grupos com visões vegetarianas ou de valorização (verdadeira) dos animais e de outras espécies são raríssimos. Mesmo na Índia, que é o maior país com vegetarianos do planeta por causa do hinduísmo, ainda há boa parcela da população fazendo uso de animais. E quando digo valorização verdadeira dos animais, quero dizer visões que os considerem seres com dignidade igual à dos humanos, seres que merecem ser protegidos e não devem ser mortos, nem para alimentação e muito menos para rituais religiosos.

Esses dias eu estava vendo a visão de um quimbandeiro para sacrificar um animal e ele falou que a função do sacrifício é passar as energias ruins do humano para o animal. Vejam que visão horrível. Não basta matar, ele ainda quer transferir os males para a alma do bicho, ou seja, uma visão utilitarista que inferioriza o animal e o trata como mero objeto, como um "papel higiênico" espiritual.

Enfim, por considerar que, no todo, a humanidade produz mais males do que bens (é só ver a poluição, o aquecimento global, a extinção em massa de animais e outras espécies) e que mesmo os bens que produz só beneficiam a ela própria e não as outras espécies (digam-me uma vantagem/benefício do ser humano para a natureza, para o meio ambiente ou para os animais? Não tem, só malefícios). E considerando também que a humanidade nunca irá superar a visão utilitarista que tem dos animais — talvez apenas se uma raça alienígena superior nos invadir e escravizar —, tratando-os como inferiores, como escravos, como objetos à sua disposição (o mesmo vale com relação à natureza em geral), minha posição está justificada.

reddit 20/02/2025
https://www.reddit.com/r/FilosofiaBAR/comments/1iufws6/aproveitando_as_postagens_de_hoje_relacionadas_ao/

substack 02/07/2025
https://margemcritica.substack.com/p/eu-defendo-o-antinatalismo-por-que?utm_source=profile&utm_medium=reader2